

## Teus olhos

Tudo ficou escuro de repente...

Quando a noite envolveu todo o ambiente, eu estava de pé, junto à porta do quarto, olhando pro nada e pensando nos teus pequenos olhos negros que, tristes, não demonstravam sequer uma única ponta de esperança de reverter aquele adeus. Não tinha ideia do que acontecera, se era um defeito elétrico na casa ou uma falta de energia no bairro. Também, pouco importava... O momento sombrio bem representava o meu sentimento, e assim era melhor que continuasse, pois a luminosidade reforçaria a dor da realidade.

Era impressionante como não havia um mísero sinal de luz... Nem mesmo a lua, portentosa, que invariavelmente clareava a sala através da velha janela de vidros opacos, conseguia vencer o seu frágil obstáculo. Ora, se nem mesmo a luz, que alcança distâncias extraordinárias, conseguia fazer notar a sua importância, quanto mais um ser desgraçado, que nem conseguia enxergar a si mesmo, poderia sensibilizar alguém a manter-se ao seu lado.

Comecei a ficar ansioso com a situação que se prolongava, pois o que conseguia ver quando estava com os olhos abertos era o mesmo que ao fechá-los: nada, nada e nada... Minha imaginação passou a comandar-me e tornei a pensar nos teus olhos. Eles, agora castanhos, manifestavam um desprezo extremo. Assustei-me, uma vez que não encontrava razões para sofrer tal censura.

Ao voltar para a segurança da penumbra, percebi que, misteriosamente, uma vela acesa aparecera sobre a mesa da sala. Estando bem à minha frente, ela iluminava todo o cômodo, porém, estranhamente, seus raios não atingiam o quarto, a cozinha e o banheiro, nem produziam sombra quando interceptados pelo meu corpo opaco.

Permaneci estático, tomado agora pelo pavor. Nesse transe, a imagem da vela foi se desfigurando à medida que, novamente, razão e imaginação travavam uma árdua luta pelo meu controle. Paulatinamente, a visão do teu olhar ganhava forma. Então estremei... Nunca tinha visto algo assim: olhos vermelhos, que transmitiam uma ira insana a ponto de não conseguir fitá-los, fuzilavam-me sem que eu pudesse me defender.

Um forte barulho, como se algo batesse na madeira, chamou minha atenção e pude ver um punhal sobre a mesa, ao lado da vela. Sua lâmina brilhava... Atraía-me...

Senti-me como se estivesse hipnotizado por aquela arma. Isso fez com que eu conseguisse me mover e caminhei, lentamente, em direção ao móvel iluminado.

Meus olhos permaneciam bem abertos, mas eu não comandava completamente minhas ações. Parei bem junto à mesa. Minha mão direita, decidida, pegou o punhal com tal intimidade que parecia formar uma antiga parceria. A lâmina estava apontada para o meu próprio corpo. Ergui o braço, cuja mão suada, segurava vigorosamente a arma e fechei os olhos.

Um movimento, quase que involuntário... Um grito... Senti meu coração queimar... Abri os olhos, assustado, e um nó na garganta misturava-se a um soluçar incessante.

Os raios do sol, que entravam pela janela do quarto, impediam que eu abrisse totalmente os olhos. Aos poucos uma imagem foi se formando e vi, finalmente, os teus olhos, sublimes, onde o verde se mistura ao azul num tom de cinza que encanta... Que me encanta. Junto, um sorriso inebriante foi o pano de fundo de uma pergunta inevitável: - Tá tudo bem?

Assenti com a cabeça, pois olhando para o meu corpo intacto, vi que tudo estava mesmo bem.

Ouvi ainda o teu comentário confortante: - Foi só um sonho.

E pensei: É, realmente... Foi só um sonho...

Vitor Fernandes